

Notas sobre o homoerotismo na Literatura Brasileira

Notes sur l'homoérotisme dans la Littérature Brésilienne

Paulo Maués Corrêa

Secretaria de Educação do Pará-SEDUC/PA
Belém-Pa

Resumo

O presente estudo consiste nas minhas anotações acerca de obras pioneiras, na Literatura Brasileira, quanto à abordagem da temática homoafetiva, textos de autores como Aluísio Azevedo, Adolfo Caminha, Inglês de Sousa, dentre outros. O propósito é mapear essas obras fundamentais e mostrar o quanto elas refletem uma mentalidade de época predominantemente preconceituosa, fato expresso na forma como os sujeitos que se relacionam com pessoas do mesmo gênero são desqualificados, apontados como criminosos, doentes ou imorais. Para tanto, lanço mão de preceitos da Literatura Comparada, defendida por Henry Remak (1994). Quanto à metodologia adotada, devido à natureza da proposta, conforme exemplo de Sérgio Paulo Rouanet, “será benjaminiano: não percurso metódico, mas *flânerie*” (1981, p.10), pois, como um *flâneur*, que vaga pelas passagens e se fixa em detalhes aparentemente sem importância, adentro os textos selecionados, em busca das passagens que ilustram a abordagem do tema aqui escolhido para análise.

Palavras-chave: Literatura; Homoerotismo; Homoafetividade; LGBTQIAP+.

Resumé

Cette étude consiste en mes notes sur des œuvres pionnières de la littérature brésilienne, à propos de l'homoérotisme, d'auteurs tels qu'Aluísio Azevedo, Adolfo Caminha, Nelson Rodrigues, entre autres. L'objectif est de lister ces œuvres fondamentales et de montrer à quel point elles reflètent une mentalité prédominante de l'époque, un fait exprimé dans la manière dont les sujets qui se rapportent à des personnes du même sexe sont disqualifiés, identifiés comme criminels, malades ou immoraux. Pour cela, j'utilise les préceptes de la Littérature Comparée, défendus par Henry Remak (1994). Quant à la méthodologie adoptée, de par la nature de la proposition, selon l'exemple de Sérgio Paulo Rouanet, “elle sera benjaminienne: non pas un parcours méthodique, mais une *flânerie*” (1981, p.10), car, tel un *flâneur*, qui erre dans les passages et s'installe dans des détails apparemment sans importance, je parcours les textes sélectionnés, à la recherche de passages qui illustrent l'approche du thème choisi ici pour l'analyse.

Mots-clés: Littérature; Homoérotisme; Homoafectivité; LGBTQIAP+.

Desde 1997, venho estudando o erotismo na Literatura, a princípio, na obra de Inglês de Sousa. Mas meu olhar sobre o tema foi cada vez mais se expandindo, de modo que o presente texto corresponde a algumas notas a respeito, privilegiando, porém, a feição homoerótica, tema que se justifica, pois a sociedade contemporânea tem sido palco de várias mudanças quanto ao devido reconhecimento dos direitos de pessoas da comunidade LGBTQIAP+, embora essa mesma comunidade ainda seja vítima de muitas formas de violência, que se encontram registradas, por exemplo, não só na história, mas também na ficção de outros tempos, justamente do que trato aqui, com o objetivo de construir um mapeamento, mesmo que modesto, de algumas das principais obras que tratam dessa polêmica temática.

Um primeiro dado a demarcar é que o homoerotismo não difere, essencialmente, do que se poderia considerar o erotismo heterossexual. A única singularidade é que, no homoerotismo, os sujeitos em cena são pessoas do mesmo sexo (CORRÊA, 2006).

Assim, na História da Literatura Brasileira, os sujeitos homoafetivos – há tantos nomes para se reportar a eles, mas creio que esse soa mais humanizado – surgem num quadro significativo de personagens, e é um pouco desse conteúdo que eu passo a considerar, com atenção especial, inicialmente, ao Naturalismo, estética que produziu obras significativas que permitem uma ampla discussão a propósito de uma série de assuntos considerados, por muitos, indesejáveis, daí a seguinte consideração de Marcelo Bulhões sobre romances adeptos dessa estética:

Poderíamos, grosseira e provisoriamente chamá-los romances de médicos, fisiologistas e anatomistas, muitos de tratados de medicina, genética (na época chamada de filosofia genésica), estudos de biologia e... narrativa ficcional (2003, p.110).

Desse modo, respeitando um critério cronológico, começo pelo livro *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, romance no qual há elementos homoeróticos tanto masculinos quanto femininos. O primeiro é insinuado no jovem Henrique, “que era bonitinho, cheio de acanhamentos, com uma delicadeza de menina” (AZEVEDO, 1983, p.30), visão estereotipada, mas contrariada no decorrer da história, pois o rapaz se envolveu em aventuras com mulheres, dentre elas a própria Dona Estela, esposa de seu anfitrião, o comerciante Miranda.

Há sugestões homoeróticas também em outro hóspede de Miranda, o velho Botelho, que descobriu o *affaire* de Henrique e Estela e tratou de se mostrar solícito e sigiloso, prometendo ao jovem não contar nada do que havia visto:

— Falar o quê, seu tolo?... Pois então quem pensa você que eu sou?... Só abrirei o bico se você me der motivo para isso, mas estou convencido de que não dará... Quer saber? eu até simpatizo muito com você, Henrique! Acho que você é um excelente menino, *uma flor*! E digo-lhe mais: hei de proteger os seus negócios com Dona Estela... (AZEVEDO, 1983, p.37).

O grifo na citação é meu, para destacar o tom de afabilidade de Botelho em relação a Henrique. Tal expressão de afeto ecoa em um conto de Haroldo Maranhão, *A Violinista*, do livro *Jogos Infantis*. Nessa história, o narrador Lico conta sua experiência com a hóspede Lastênia, que ficara na casa da família dele após vir para o funeral de seu pai. A moça ficou alojada no quarto do Lico. Altas horas, ele dormiu e a sentiu se aproximar, agarrá-lo, tapar-lhe a boca e sussurrar-lhe ao pé do ouvido: “Psiu! Quietinho, queridinho, minha flor” (MARANHÃO, 1986, p.62). Tais palavras surtiram um efeito devastador no personagem, que considerou: “aquele minha flor me arrepiou a pele e desceu um frio danado pela espinha, e então ela me apertou como se eu fosse fugir e eu queria tudo menos fugir” (MARANHÃO, 1986, p.62).

Portanto, assim como no conto de Maranhão, é por meio do “minha flor” que o velho, no romance, torna mais evidente seu assédio, porém disfarçado de galanteio, impressão reforçada pelo comentário posterior: “Falando assim, tinha-lhe tomado as mãos e afagava-as” (AZEVEDO, 1983, p.37). Porém a abordagem do velho, ao contrário da intentada pela violinista Lastênia dos *Jogos Infantis*, é malfadada, pois o rapaz se retirou.

Contrapontos como esses, entre obras de autores diversos, ilustram bem o campo a que esta pesquisa se filia, o da Literatura Comparada, entendida, conforme Henry Remak, como “a comparação de uma literatura com outra ou outras e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana” (1994, p.175).

Mas, em *O Cortiço*, é na figura de Albino, “um sujeito afeminado”, que se escancara a imagem estereotipada do “homossexual”:

Era lavadeiro e vivia sempre entre as mulheres, como já estava tão familiarizado que elas o trataram como a uma pessoa do mesmo sexo; em presença dele falavam de coisas que não exporiam em presença de outro homem; faziam-no até confidente dos seus amores e das suas infidelidades, com uma franqueza que não revoltava, nem comovia (1983, p.45).

Albino, à semelhança do Luizinho do “*Cachorro Doido*”, de Maranhão, encaixa-se num estereótipo: frágil, sensível e afeminado – o tom preconceituoso é apaziguado pela aceitação de Albino entre as mulheres com as quais partilha a profissão e o cotidiano. Em termos de lesbianidade – prefiro o uso do sufixo “dade” no lugar de “ismo”, que, a meu ver, traz um vínculo com o patológico, dando a entender que se trata de nome de doença –, o

correspondente seria a não menos sugestiva Leandra, a “Machona” [apelido emblemático]. Ela se aproxima, nesse aspecto, de uma personagem de outro romance naturalista, de 1985, *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, a Carolina, a “mulher-homem” que roubou o grumete Aleixo do protagonista Amaro, o qual inspira o nome do romance. A cena em que tal expressão aparece demarca nitidamente a inversão, a feminilidade em Aleixo e a masculinidade em Carolina:

[Carolina] Bateu a porta e começou a se despir a toda pressa, diante do Aleixo, enquanto ele se deixava estar imóvel, muito admirado para essa mulher-homem que o queria deflorar ali mesmo, torpemente, como um animal (CAMINHA, 2002, p.68).

Embora a personagem não seja demarcada como lésbica propriamente – pois a adjetivação “homem” lhe vem de sua condição de ativa diante do Aleixo, que continua passivo, a exemplo do que acontecia na sua relação com Amaro –, em Carolina, conforme Denílson Lopes,

cristaliza-se uma protoimagem da lésbica como mulher forte, ativa, seja pela liberdade de seu comportamento sexual, como na prostituta que seduz Pombinha em *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo (1890), seja por ser associada ao mundo tradicionalmente masculino do trabalho e do poder, na tradição das donzelas guerreiras, de Luzia-Homem, de Domingos Olímpio (1903) a Diadorim do *Grande sertão: veredas* de Guimarães Rosa (1956) (2002, p.37).

A fala de Lopes antecipa aquele que, em se tratando de homoerotismo, é o episódio mais significativo d’*O Cortiço*, a relação entre Pombinha e Léonie, uma “cocote”, variação tupiniquim do francês *coquette*, cuja prática é definida por Georg Simmel da seguinte forma:

O que caracteriza o coquetismo em sua manifestação banal é o olhar terno, a cabeça meio esquivada. Há nisso uma maneira de se esquivar, ligada, porém, a uma maneira furtiva de se dar, de dirigir momentaneamente sua atenção para o outro, a quem, no mesmo instante, pela direção oposta da cabeça e do corpo, ela se recusa simbolicamente. Esse olhar, fisiologicamente, não pode durar mais de alguns segundos, de sorte que, voltando-se para, ele já prefigura, como inevitável, o movimento de se esquivar. Ele tem a atração do segredo, do furtado, que não pode ter duração, onde, por conseguinte, o sim e o não estão intimamente ligados (1993, p.95-96).

Essa condição de *coquette* permitia à Léonie [nome afrancesado que casa perfeitamente com sua condição] se distinguir das mulheres como Libânia, que “se atirou aos cães e faz hoje má vida na Rua de São Jorge” (AZEVEDO, 1983, p.75-76), pois o “dizer-sim e o dizer-não” (SIMMEL, 1993, p.95) que marcam o olhar da *coquette* acabam por valorizá-la, pois ela atiza o desejo dos homens e em seguida os despacha. Tal procedimento, fatalmente, eleva-lhe o preço. Só por meio de tais estratégias Léonie poderia obter renda para financiar suas extravagâncias: “Léonie, com as suas roupas exageradas e barulhentas de cocote à

francesa, levantava rumor quando lá ia e punha expressão de assombro em todas as caras” (AZEVEDO, 1983, p.123).

Não é à toa que Peter Fry tece o seguinte comentário a respeito da personagem: “Enfim, a Léonie reproduz a figura clássica da prostituta bem-sucedida. Mais do que isso, é a prostituta querida, que, por sua vez, quer bem ao pessoal do cortiço” (1982, p.38).

A relação entre Léonie e Pombinha foi sempre envolta em atenções e afetos, que não objetivavam camuflar as intenções da mulher para com a moça, como se observa na passagem em que Léonie visitou o cortiço, e a jovem foi ao seu encontro: “Gostavam-se muito uma da outra. A cocote recebeu-a com exclamações de agrado e beijou-a nos dentes e nos olhos repetidas vezes” (1983, p.127-128). Beijar nos dentes denuncia um elevado grau de afabilidade!

Mas a cena central no relacionamento entre elas ocorreu na casa de Léonie, numa ação que decorre por pelo menos três páginas, escritas com muito bom gosto e, sobretudo, sem uma condenação por parte do narrador, a não ser no comentário que abre a cena, o qual pode ser entendido como uma transposição dos pensamentos da própria Pombinha: “O passeio à casa de Léonie fizera-lhe muito mal. Trouxe de lá impressões de íntimos vexames, que nunca mais se apagariam por toda a sua vida” (AZEVEDO, 1983, p.157).

O momento de amor entre as duas é a concretização de uma ação somente insinuada num outro romance brasileiro em que também há uma meretriz de grande estilo, *Lucíola*, de José de Alencar, originalmente publicado em 1862. Paulo, o narrador, tece as seguintes considerações iniciais a propósito da casa de Sá, onde ocorreu uma festa:

Entremos, já que as portas se abrem de par em par, cerrando-se logo depois de nossa passagem. A sala não é grande, mas espaçosa; cobre as paredes um papel aveludado de sombrio escarlate, sobre o qual destacam entre espelhos duas ordens de quadros representando os mistérios de Lesbos (1995, p.34-35).

A ação exposta plasticamente em *Lucíola* adquire movimento e se configura enquanto ação propriamente dita n’*O Cortiço*.

Após o ocorrido na residência de Léonie, finalmente, Pombinha se fez mulher completa: “E feliz, e cheia de susto ao mesmo tempo, a rir e a chorar, sentiu o grito da puberdade sair-lhe afinal das entranhas, em uma onda vermelha e quente” (AZEVEDO, 1983, p.165). Estava concretizado o rito de passagem para Pombinha, finalmente ela podia se casar, e Léonie foi a sacerdotisa que presidiu a celebração.

Após dois anos de casamento, Pombinha criou aversão ao marido, a ponto de acabar “caindo nos braços de um boêmio de talento, libertino e poeta, jogador e capoeira”

(AZEVEDO, 1983, p.272). A seguir, sua traição foi descoberta pelo esposo, “não mais com o poeta libertino, mas com um artista dramático” (AZEVEDO, 1983, p.273).

Ante a incontestável traição de Pombinha, o homem a devolveu à mãe. Após esses fatos, a moça se entregou aos braços de Léonie: “Agora as duas cocotes, amigas inseparáveis, terríveis naquela inquebrantável solidariedade, que fazia delas uma só cobra de duas cabeças, dominavam o alto e o baixo Rio de Janeiro” (AZEVEDO, 1983, p.274). Os nomes dessas personagens ilustram o antropomorfismo tão recorrente em autores naturalistas e projetam os perfis assumidos nesse relacionamento: Léonie, a leoa, é ativa, pelo menos na passagem aqui evocada, ao passo que Pombinha – nome que dispensa comentários – é a passiva: a leoa come a pombinha!

O narrador demarca o movimento cíclico envolvendo os personagens, ilustração do determinismo naturalista: assim como Léonie fizera com Pombinha, esta fazia com a filha de Jerônimo, que vivia somente na companhia da mãe, a qual se entregara à bebida depois que o esposo fugiu com Rita Baiana:

Pombinha abria muito a bolsa, principalmente com a mulher de Jerônimo, a cuja filha, sua protegida predileta, votava agora, por sua vez, uma simpatia toda especial, idêntica a que noutro tempo inspirara ela própria à Léonie. A cadeia continuava e continuaria interminavelmente; o cortiço estava preparando uma nova prostituta naquela pobre menina desamparada, que se fazia mulher ao lado de uma mãe ébria (AZEVEDO, 1983, p.274-275).

A cena de lesbianidade d’*O Cortiço* dialoga com um texto anterior, *Teresa Filósofa*, em que a protagonista do romance libertino se entrega aos braços de Bois-Laurier:

A Bois-Laurier, que estava com um humor encantador e que talvez estivesse bem contente em não me deixar sozinha, entregue à reflexão de minhas aventuras matinais, arrastou-me para o seu leito. Foi necessário dormir com ela. Dança-se conforme a música: dissemos e fizemos toda espécie de loucuras (2000, p.144).

Essa é a contraposição entre dois textos polêmicos que destacam relações homoafetivas de modo sugestivo. A repercussão desses textos foi grande. Entretanto, a temática homoerótica se dilui ante um panorama de aspectos paralelos, ao contrário do que acontece no *Bom-Crioulo*, que coloca o relacionamento amoroso entre dois homens no plano central da intriga, o que lhe confere um papel de pioneiro no tocante à abordagem aberta do homoerotismo masculino na Literatura Brasileira, não sendo, na afirmativa de Lopes, “um dado circunstancial ou estereotipado, como vamos ver em tantas outras obras da literatura brasileira pelo século XX adentro” (2002, p.36).

Quanto a essa projeção para o século XX, pensemos, a título de ilustração, em certas peças e alguns contos de Nelson Rodrigues. Na dramaturgia, tem-se *Toda nudez será castigada*, obra na qual, de acordo com Robério de Oliveira Silva, “Serginho se apresenta

como enigma homoerótico. Infantilizado e efeminado, o rapaz efetuará uma transição para uma possível masculinidade, algo indefinido, através do estupro epifânico pelo ladrão boliviano” (2002, p.140), com quem fugiu posteriormente; no mais, remeto ao breve levantamento proposto no ensaio de Silva. Quanto aos contos, destaco *Isto é amor, d’A vida como ela é...* em que há Fernandinho (sempre o insinuante diminutivo!), que tinha “modos e feições que estavam longe de denunciar a masculinidade”, classificados em seguida como “modos de moça” (RODRIGUES, 2006, p.54). Mais detalhes sobre esse personagem e outros tantos de Rodrigues estão no meu ensaio sobre o autor (CORRÊA, 2021).

O *Bom-Crioulo*, que explora o relacionamento amoroso entre o grumete Aleixo e o marinheiro Amaro, assim como outras narrativas que abordam a temática aqui explorada, gerou embaraços aos críticos. Um exemplo, nesse sentido, é Lúcia Miguel Pereira, que aponta os méritos do romancista e lamenta sua morte precoce, elogia a forma como ele apresenta o assassinato de Aleixo pelas mãos de seu amásio Amaro sem utilizar, para tanto, um apelo ao explícito. Para a crítica mineira, tal aspecto, porém, foi o que faltou na abordagem do relacionamento entre os marinhos, tanto que ela sentenciava:

Se tivesse sempre, do mesmo modo [que fez no caso do crime passionai], sabido insinuar certas cenas repulsivas, e sobretudo se se houvesse comportado em todo o livro com a mesma isenção que tem para com Amaro, o *Bom Crioulo* (sic) ainda seria mais incisivo e penetrante (1988, p.174).

É provável que Miguel Pereira tivesse razão no contexto social em que ela se situava. Entretanto, seguindo seu discurso, numa perspectiva menos moralizante, diria que faltou também a ela certa “isenção”, pois denota uma carga negativa ao assunto do livro ao classificar determinadas passagens como “cenas repulsivas”, como se a Literatura – e a arte de modo geral – tivesse algum compromisso com a moral e com os bons costumes. Nesse sentido, em réplica à escolha vocabular da crítica, sem querer, de forma alguma, ser panfletário, menos ainda ofendê-la ou afetar o seu mérito como leitora, lembro um dos *Aforismos* de Oscar Wilde: “Não há livros morais e livros imorais. Há livros bem escritos e livros mal escritos, só isto” (1995, p.89) – e uma vasta tradição de literatura libertina está aí para provar isso.

Nesse romance, não há um tom de apologia, mas sim o registro de tópicos preconceituosos da época. Como exemplo disso, atente-se para as considerações do narrador, após D. Carolina ter roubado o grumete do Bom-Crioulo, quanto ao que os dois marinheiros viveram juntos: “Aquilo com o outro, afinal, era uma grossa patifaria, uma bandalheira, um pecado, um crime!” (2002, p.87) – ofensa à moral, à religião ou à justiça, eis o provável parecer que aquele “amor clandestino” (CAMINHA, 2002, p.88) pode projetar na configuração geral do livro. Tal visão é reforçada pela sentença do comandante do navio: “—

Não se iluda a guarnição deste navio! (...) Desobediência, embriaguez e *pederastia* são crimes de primeira ordem. Não se iludam!...” (2002, p.82, grifo meu).

O primeiro escritor citado neste estudo foi Inglês de Sousa, autor do conto *Acauã*, no qual as personagens Aninha e Vitória têm um sugestivo relacionamento, provavelmente, senão o mais, certamente um dos mais antigos da Literatura Brasileira tematizando um enlace amoroso entre duas personagens do gênero feminino (CORRÊA, 2020). Segundo Vicente Salles, foi publicado “inicialmente na Revista Brasileira, ano 1, n.33, 1880, PP.211-223” (1990, p.17), havendo outra edição anterior, identificada por Marcela Ferreira: “em 1876 no periódico *A Academia de São Paulo*” (2017, p.118). Lamentavelmente, a despeito dessa referência levantada em verdadeiro trabalho de garimpagem, a pesquisadora não conseguiu localizar essa versão. No entanto, apesar desses registros, *Acauã* só se tornou mais conhecido na edição de *Contos Amazônicos* de 1893. Por isso há a supremacia de *O Cortiço*, de 1890, quanto à abordagem do homoerotismo feminino na Literatura Brasileira. Para o aprofundamento da leitura de *Acauã*, recomendo meu livro *Literatura e Erotismo: Acauã e O Baile do Judeu, de Inglês de Sousa* (CORRÊA, 2020).

Outro escritor paraense citado anteriormente é Haroldo Maranhão, autor do conto “*Cachorro doido*”, também do livro *Jogos Infantis*, coletânea de quinze narrativas em que figura a iniciação sexual (FARES, 2002, p.44; e BASTOS, 2002, p.55), sendo justamente “*Cachorro Doido*” o único em que há a deflagração de um relacionamento entre personagens do mesmo sexo, vivenciado no ambiente escolar, por Carlão e pelo recém-chegado Luizinho. Na casa do aluno novo, ocorre a cena de mútua sedução entre eles, onde Carlão, expondo sua predileção por estudar nu, sem a resistência do outro, propalou, referindo-se ao seu pênis ereto: “Olha só, é o calor! Ele vai crescendo, crescendo, que fica inchado e quente. Quer ver? Pega. Pega pra tu ver como é que está uma pedra” (MARANHÃO, 1986, p.18).

Nessa passagem, na perspectiva de João Silvério Trevisan, pode-se considerar certa condicionante climática dos trópicos, que transforma “os meninos e adolescentes em machos superexcitados” (2002, p.112). Ante a insistência e a facilitação de Carlão, “Delicadamente Luizinho segurou” (MARANHÃO, 1986, 18) – o advérbio que abre a sentença indicia, mais que qualquer outro, a condição do personagem. Esse é o ápice da narrativa, ficando por conta do leitor uma ocorrência mais explícita. Para mais detalhes a respeito desse conto de Maranhão, fica a sugestão da leitura de ensaio correspondente publicado em meu livro *Quarteto de Eros: o erotismo em quatro autores da Amazônia – Alfredo Garcia, Daniel da Rocha Leite, Haroldo Maranhão, Maria Lúcia Medeiros* (CORRÊA, 2023).

Esses poucos autores até aqui citados trabalharam o homoerotismo em suas obras. Mas, até onde se sabe, não eram homoafetivos, sendo os variados corpos homoeróticos

ilustração de uma perspectiva das épocas em que as obras foram publicadas, demarcadas, geralmente, pelo olhar preconceituoso e se transformando em *corpus* de pesquisas diversas.

No entanto, os sujeitos homoeróticos sempre foram e continuam sendo criadores de Literatura, como ilustra o livro *Amor em Tempos Sombrios*, de Colm Tóibín, que explora, da tradição homo, “a secreta linha pontilhada que atravessa a literatura ocidental” (2004, p.18), como se houvesse uma verdadeira tradição homoerótica, nesse sentido, ilustrada com autores como Shakespeare e Elizabeth Bishop, para citar somente o nome de um homem e o de uma mulher. No entanto, essa tradição se construiu de forma sub-reptícia, ocorrendo, atualmente, uma escrita mais engajada, em que se colocam em cena homens e mulheres *gays* – autores/as e personagens – de uma forma mais humanizada e condizente com a realidade atual dos direitos conquistados pela luta dessa gente *alegre*, como é o caso de Vitor Martins, autor de romances “adolescentes” com temática homo, como *Um milhão de finais felizes* (2018).

Não sou do grupo de pessoas que fatiam temas aplicando carimbos de exclusividade. Por exemplo, não creio que só mulheres possam tratar do feminino na Literatura ou que só homens estejam autorizados a tratar de personagens masculinos. Da mesma forma, não vejo por que o homoerotismo também seja exclusividade de quem quer que seja, tanto que pesquiso sobre o tema há mais de duas décadas e, felizmente, nunca fui ou me senti discriminado por isso. Porém, creio que já é passada a hora de a História da Literatura de temática homoerótica ser abordada por intelectuais comprometidos ideológica e politicamente com essa temática LGBTQIAP+. Portanto, fica aqui essa provocação.

Referências

ALENCAR, José de. **Lucíola**. 19.ed. São Paulo: Ática, 1995. (Série Bom Livro)

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo: Moderna, 1983.

BASTOS, Renilda do Rosário M. Rodrigues. As “Mulheres” de Haroldo Maranhão. *Asas da Palavra*. Revista da Graduação em Letras. Belém: Unama, v.6, n.13, p.55-61, 2002.

BULHÕES, Marcelo. **Leituras do Desejo: o erotismo no romance naturalista brasileiro**. São Paulo: Edusp, 2003. (Ensaio de Cultura; 21)

CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

CORRÊA, Paulo Maués. **Literatura e Erotismo: Acauã e O Baile do Judeu, de Inglês de Sousa**. Belém: Paka-Tatu, 2020.

CORRÊA, Paulo Maués. **Nelson Rodrigues e o mal: A vida como ela é...** Belém: Fundação Cultural do Pará, 2021. (Prêmio Literário 2017)

CORRÊA, Paulo Maués. **Quarteto de Eros: o erotismo em quatro autores da Amazônia – Alfredo Garcia, Daniel da Rocha Leite, Haroldo Maranhão, Maria Lúcia Medeiros**. Belém: Sapucaia Pockets, 2023.

FARES, Josebel Akel. Texto e Intertexto do Olhar nos *Jogos Infantis* de Haroldo Maranhão. **Asas da Palavra**. Revista da Graduação em Letras. Belém: Unama, v.6, n.13, p.43-53, 2002.

FERREIRA, Marcela. **Inglês de Sousa: imprensa, literatura e realismo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

FRY, Peter. Léonie, Pombinha, Amaro e Aleixo: prostituição, homossexualidade e raça em dois romances naturalistas. In: FRY, Peter. **Caminhos Cruzados: Linguagem, Antropologia e Ciências Sociais**. São Paulo: Brasiliense, 1982. p.33-51

LOPES, Denilson. Bichas e letras: uma estória brasileira. In: SANTOS, Rick et GARCIA, Wilton (Orgs.). **A Escrita de Adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil**. São Paulo: Xamã, 2002. p.33-50

MARANHÃO, Haroldo. **Jogos Infantis**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

MARTINS, Vitor. **Um milhão de finais felizes**. São Paulo: Globo, 2018.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da Literatura Brasileira: Prosa de Ficção (de 1870 a 1920)**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1988. (Coleção conquista do Brasil. 2. série; v.131)

REMAK, Henry H. H. Literatura comparada: definição e função. In: COUTINHO, Eduardo F. e CARVALHAL, Tania Franco (Orgs.). **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.175-190.

RODRIGUES, Nelson. **A vida como ela é...** Rio de Janeiro: Agir, 2006.

ROUANET, Sérgio Paulo. **O Édipo e o Anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981. (Biblioteca Tempo Brasileiro; 63)

SALLES, Vicente. Introdução. In: DOLZANI, Luiz. **História de um pescador; cenas da vida do Amazonas**. 2.ed. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria de Estado de Cultura, 1990. p.7-17 (Lendo o Pará, 8)

SILVA, Robério de Oliveira. Nelson Rodrigues e os torneios do homoerotismo masculino. In: SANTOS, Rick et GARCIA, Wilton (orgs.). **A Escrita de Adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil**. São Paulo: Xamã, 2002. p.135-152

SIMMEL, Georg. **Filosofia do Amor**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Teresa Filósofa. Trad. Carlota Gomes. Porto Alegre: L&PM, 2000. (Coleção L&PM Pocket, 69)

TÓIBÍN, Colm. **O Amor em Tempos Sombrios**. Trad. Cordelia Magalhães. São Paulo: Arx, 2004.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

WILDE, Oscar. **Aforismos**. Trad. Mário Fondelli. Rio de Janeiro: Newton, 1995.

SOBRE O AUTOR

Paulo Maués Corrêa: Professor da E.E.E.M. Augusto Meira, pertencente à Rede Estadual de Ensino – SEDUC-PA. Licenciado em Letras (UFPA/2001). Especialista em Literatura e suas interfaces (UEPA/2004). Mestre e Doutor em Estudos Literários (UFPA/2006 e 2020). Membro dos Grupos de Pesquisa Makunaíma: literatura, arte, cultura, história e sociedade na Amazônia, Brasil e América Latina (CNPq/UFPA) e Culturas e Memórias Amazônicas – CUMA (CNPq/UEPA). Autor de estudos sobre Literatura e Cultura da Amazônia. Produtor de conteúdo para o *YouTube* (@PauloMauesCorrea).

E-mail: paulomauescorrea@yahoo.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8692-624>

Recebido: 21/09/2023

Aprovado: 12/11/2023